



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Inserção no mercado trabalho e ansiedade entre usuários de crack em tratamento
<b>Autor</b>	SIMONE POLETTO
<b>Orientador</b>	ROGÉRIO LESSA HORTA
<b>Instituição</b>	UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

O tratamento para dependência do crack tem sido uma preocupação tanto na área da saúde quanto em outros setores da sociedade. Reinsere o usuário no mercado de trabalho, ou preservar sua inserção, pode colaborar no tratamento além de minimizar sintomas eventualmente associados ao uso de crack, como a ansiedade. Este estudo apresenta dados descritivos sobre a inserção no mercado de trabalho e relato de sintomas ansiosos entre usuários de crack adultos de diferentes municípios da região metropolitana de Porto Alegre. Estudo transversal, envolvendo 519 usuários de crack, no ano de 2011, dos quais 495 (95,4 %) estavam vinculados a algum centro de atendimento. Foi utilizado questionário auto-aplicado, pré-codificado, padronizado e pré-testado, além do Inventário de Ansiedade de Beck (BAI). A amostra foi composta por 519 usuários, sendo 497 homens (95,8%) e 22 mulheres (4,2%); com média de idade igual a 27,9 anos (dp=7,3 anos); escolaridade média de 8,5 anos de estudo completos (dp=3,1 anos) e renda pessoal média referida de R\$ 595,05 (dp = R\$ 808,12). A frequência referida de uso de crack nos últimos seis meses indicou que a maioria dos entrevistados (67,8%) fez uso médio da droga de cinco a sete dias na semana, enquanto 25,4% referiram ter usado de um a quatro dias por semana. A quantidade de crack consumida foi, em média, de 10,0 pedras por episódio típico de uso (dp = 24,2). Entre os entrevistados, 55,1% (IC95%: 50,8% - 59,4%) referiram não ter ocupação alguma por pelo menos três dias em cada semana. O escore médio no BAI foi igual a 11,9 pontos (dp = 10,4) em que 55,2% (IC95%: 51,0% - 59,5%) apresentou ansiedade no nível mínimo, 25,0% (IC95%: 21,3% - 28,8%) no nível leve, 12,9 % (IC95%: 10,0%- 15,8%) no nível moderado e 6,7 % (IC95%: 4,6% - 8,9%) no nível grave. Observou-se, na análise por Test T de Student uma média de escore igual a 11,2 na escala BAI entre os que não trabalhavam e escore de 9,7 entre os que trabalhavam, com diferença de média de 2,37 (IC95% 0,56 a 4,17) e p=0,010. As análises realizadas demonstraram haver associação inversa entre estar trabalhando pelo menos três vezes na semana e a presença de sintomas ansiosos. Uma limitação deste estudo é a amostragem de conveniência com um número ainda pequeno de sujeitos, não se atingindo poder estatístico suficiente, mas esta associação perde significância estatística quando controladas variáveis potencialmente confundidoras. Como já se esperava, o grupo de usuários de crack entrevistados apresenta elevada prevalência de não inserção no mercado de trabalho. A referência a sintomas ansiosos é inclusive menor do que alguns estudos indicam para populações não clínicas, mas deve-se considerar que a maior parte dos usuários está em atendimento. A relação entre desemprego e níveis de ansiedade está descrita tanto em estudos transversais quanto de coorte, nenhum deles envolvendo usuários de crack. Esta análise indica a necessidade de outros estudos, com amostras maiores, a fim de avaliar com maior precisão esta questão, aprofundando o tema e avaliando se fato de trabalhar pode auxiliar no tratamento de usuários de crack, diminuir sintomas psiquiátricos, e possibilitar sua reinserção social.